

LIVRO DOIS DA SÉRIE CARNE E FOGO



Galera

UMA
LUZ
NA
CHAMMA

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

JENNIFER L.
ARMENTROUT

CONHEÇA AS OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA GALERA

Série Sangue e Cinzas

De sangue e cinzas
Um reino de carne e fogo
A coroa de ossos dourados
A guerra das duas rainhas

Série Carne e Fogo

Uma sombra na brasa
Uma luz na chama

JENNIFER L.
ARMENTROUT

UMA
LUZ
NA
CHAMA

Tradução
Flavia de Lavor

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2023

CAPA

Adaptada do design original de Hang Lee

IMAGEM DE CAPA

Setor Fiadzigbey

PREPARAÇÃO

Marina Góes

REVISÃO

Cristina Freixinho

TÍTULO ORIGINAL

A Light in the Flame

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A76L

Armentrout, Jennifer L.

Uma luz na chama [recurso eletrônico] / Jennifer L. Armentrout; tradução Flavia de Lavor. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2023.

recurso digital (Carne e fogo; 2)

Tradução de: *A light in the flame*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-313-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lavor, Flavia de. II. Título. III. Série.

23-83911

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

A Light in the Flame © 2022 by Jennifer L. Armentrout

Direitos de tradução mediante acordo com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA GALERA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-313-1

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



SUMÁRIO

[Dedicatória](#)

[Guia de Pronúncia](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

Agradecimentos

Nota da autora

Dedicado a você, leitor.

Sem você nada disso seria possível.

Obrigada.

Guia de Pronúncia

Personagens

Aios – a-uh-us
Andreia – ahn-dray-ah
Attes – AT-tayz
Aurelia – au-REL-ee-ah
Baines – baynz
Bele – bell
Dorcan – dohr-can
Dyses – DEYE-seez
Ector – ehktohr
Ehthawn – EE-thawn
Embris – EM-bris
Erlina – Er-LEE-nah
Ernald – ER-nald
Eythos – EE-thos
Ezmeria – ez-MARE-ee-ah
Gemma – jeh-muh
Halayna – ha-LAY-nah
Hanan – hay-nan
Holland – HAA-luhnd
Jadis – JAY-dis
Kayleigh – KAY-lee
Keella – kee-lah
King Saegar – [king] SAY-gar
Kolis – CO-lis
Kyn – kin
Lailah – lay-lah
Lathan – LEY-THahN
Loimus – loy-moos

Madis – mad-is
Maia – MY-ah
Marisol – MARE-i-soul
Mycella – MY-cell-AH
Nektas – NEC-tas
Nyktos – NIK-toes
Odetta – OH-det-ah
Orphine – OR-feen
Peinea – pain-ee-yah
Penellaphe – pen-NELL-uh-fee
Phanos – FAN-ohs
Polemus – pol-he-mus
Rhahar – RUH-har
Rhain – rain
Saion – SI-on
Sera – SEE-ra
Seraphena – SEE-ra-fee-na
Sotoria – so-TOR-ee-ah
Taric – tae-ric
Tavius – TAY-vee-us
Thad – thad
Theon – thEE-awn
Veses – VES-ees

Lugares

Dalos – day-los
Kithreia – kith-REE-ah
Lasania – la-SAN-ee-uh
Lotho – LOW-tho
Massene – ma-see-nuh
Sirta – SIR-ta
Vathi – VAY-thee

Termos

Arae – air-ree
benada – ben-NAH-dah
dakkai – di-ah-kee
graeca – gray-cee
meeyah Liessa – (mee-yah lee-sa)

Reproduzimos o guia de pronúncia original da autora, com exceção dos termos que receberam tradução para o português. (N. E.)



I

— *Você é a herdeira das terras e dos mares, dos céus e de todos os planos. Uma Rainha em vez de um Rei. Você é a Primordial da Vida* — murmurou Nyktos, o Sombrio, Aquele que é Abençoado, o Guardião das Almas e Primordial do Povo e dos Términos.

Os lábios que tinham sussurrado palavras calorosas contra minha pele e dito verdades cruéis e brutais agora estavam entreabertos. Seus olhos grandes e prateados agitados por fios de éter luminoso, a essência dos deuses, estavam fixos nos meus. Uma espécie de espanto e admiração suavizava as linhas frias das maçãs do rosto angulosas, do nariz reto como uma lâmina e da mandíbula proeminente dele.

Cabelos ondulados e castanho-avermelhados caíram sobre as bochechas marrom-claras quando ele se ajoelhou, colocando a mão esquerda no chão da sala do trono e a direita sobre o peito.

Nyktos estava fazendo uma *reverência a mim*.

Afastei-me dele.

— O que está fazendo?

— O Primordial da Vida é o ser mais poderoso de todos os planos, superando os demais deuses e Primordiais — explicou Sir Holland. Exceto que ele não era mais o homem que eu conhecia como cavaleiro da Guarda Real de Lasania nem um mero mortal. Ele era um dos Arae, um maldito *Destino*: nem deus, nem mortal. Capazes de ver o passado, o presente e futuro de todos, os Arae não estavam vinculados a nenhuma Corte Primordial.

Os Destinos eram tão assustadores quanto um Primordial, e eu não conseguia contar quantas vezes tinha dado um chute nele.

— Ele está demonstrando o respeito que você merece, Sera — prosseguiu Holland enquanto eu continuava olhando para Nyktos.

— Mas eu não sou a Primordial da Vida — afirmei o óbvio.

— Você possui a única e verdadeira brasa da vida — acrescentou Nyktos, e sua voz grave e ao mesmo tempo suave me deixou toda arrepiada. — Para todos os efeitos, você é a Primordial da Vida.

— O que ele está dizendo é verdade. — A deusa Penellaphe se aproximou, parando sob o teto aberto. O céu estrelado lançou um brilho suave sobre sua pele marrom-clara. — Não podemos nos dar ao luxo de negar isso.

— Mas eu sou uma simples mortal... — Meus pulmões pareciam estar cheios de buracos, e Nyktos *continuava* curvado diante de mim. — Será que poderia ficar de pé ou se sentar? Qualquer coisa que quiser, menos ajoelhado? Isso é muito estranho.

Nyktos inclinou a cabeça, fazendo com que várias mechas de cabelo caíssem em sua bochecha.

— Você é a *verdadeira* Primordial da Vida, tal qual meu pai. Como Holland disse, é uma demonstração de respeito.

— Mas eu não quero... — Parei de falar, sentindo o coração disparado e um aperto no peito. O éter parou de rodopiar nos olhos dele. — Pode só... parar com isso? Por favor?

Nyktos se levantou depressa, os fios de éter brilhando tão vívidos em seus olhos que era quase doloroso de ver. Ele pairou sobre mim com o olhar parecendo revelar as camadas do meu próprio ser, vendo... *sentindo* o que eu sentia.

Retesei o corpo, sentindo a irritação fervilhar.

— Espero que não esteja lendo minhas emoções.

Ele arqueou a sobancelha escura.

— O tom acusatório da sua voz é desnecessário.

— Sua resposta não foi uma declaração de inocência — retruquei.

Penellaphe arregalou os olhos.

— Não. — Nyktos abaixou a voz, mas o som reverberou em meu corpo mesmo assim. — Não foi.

— Então não o faça — exigi. — É uma grosseria.

O Primordial abriu a boca, provavelmente para comentar que eu não era a melhor pessoa para falar sobre grosseria.

— Você nunca foi uma simples mortal, Seraphena. — Holland interveio, de modo apaziguador, como havia feito tantas vezes sempre que eu começava uma discussão. — Você carrega a possibilidade de um futuro para todos nós.

Ele já havia dito algo parecido durante o treinamento, mas agora o significado era completamente diferente.

— Mas eu ainda não passei pela Seleção, e você acabou de me dizer que vou... — Fechei os olhos sem concluir a frase.

Todo mundo sabia o que havia sido dito.

Inspire. Meu corpo e mente mortais não seriam capazes de suportar o poder das brasas quando eu começasse a Ascensão. A única chance que eu tinha de sobreviver não era nem mesmo uma esperança. *Prenda.* Porque exigia o sangue do Primordial ao qual uma das brasas da vida pertencia. Exigia isso e o poder do *amor*.

O amor do Primordial que passei a vida inteira planejando matar. Não fazia diferença eu ter acreditado que era a única maneira de salvar meu reino.

A ironia me faria rir se eu não estivesse prestes a morrer. Provavelmente em menos de cinco meses e antes de completar 21 anos, levando comigo as últimas brasas da vida. O plano mortal seria o primeiro e o mais atingido entre os planos. No final, a Devastação se espalharia das Terras Sombrias para todo o Iliseu.

Soltei o ar lentamente, como Holland me ensinou a fazer havia tantos anos, quando as coisas ficavam complicadas demais e o peso de tudo me deixava sem fôlego. A morte iminente não era nenhuma novidade. Sempre soube disso. Quer falhasse ou fosse bem-sucedida em cumprir meu destino, eu sabia que acabaria morrendo no processo.

Mas agora era diferente.

Finalmente descobri como era ser mais do que um meio para um fim, uma arma a ser usada e então descartada. Conheci o que é viver, de fato. Eu enfim me senti como uma pessoa de verdade em vez de um fantasma com sangue nas mãos. Não uma mentirosa ou um monstro capaz de matar sem remorso.

Mas aquela era minha versão sob a fachada, e agora Nyktos também sabia disso. Eu não tinha mais como esconder a verdade — nem essa, nem qualquer outra.

Senti os pulmões começarem a arder e vi pontinhos de luz dançando em minha visão. Os exercícios de respiração não estavam funcionando. Minhas mãos começaram a tremer, e o pânico desabrochou no meu peito. Não havia ar...

Senti os dedos de alguém na bochecha. Dedos *quentes*. Abri os olhos e me deparei com traços tão perfeitos que eu devia ter percebido de imediato que ele não era um deus qualquer. O toque me assustou, não só porque estava quente em vez de surpreendentemente frio, como era antes de ele beber meu sangue, mas porque eu ainda não estava acostumada com *toques*. Nem sei se algum dia me acostumaria, já que fora sempre muito raro que alguém me tocasse.

Mas ele tocou em mim. Depois de tudo que aconteceu, Nyktos *tocou* em mim.

— Você está bem? — perguntou ele, em voz baixa.

Senti a língua pesada e inútil, mas não tinha nada a ver com o aperto no meu peito, e sim com a preocupação dele. Eu não queria isso. Não agora. Era errado de muitas maneiras.

Nyktos se aproximou, abaixando a cabeça até que seus lábios ficassem a poucos centímetros dos meus. Um arrepio seguiu sua mão quando ele fechou os dedos na minha nuca. Ele pressionou o polegar delicadamente sobre minha pulsação acelerada. Em seguida, inclinou minha cabeça como se estivesse alinhando nossas bocas para um beijo, como havia feito no escritório antes de nos encontrarmos com Holland e Penellaphe. Mas aquilo jamais voltaria a acontecer. Foi o que ele mesmo havia me dito.

— Respire — sussurrou Nyktos.

E foi como se ele tivesse obrigado o próprio ar a entrar no meu corpo, e eu pude sentir seu cheiro de frutas cítricas e ar fresco. Os pontinhos de luz se

apagaram, e meus pulmões se expandiram com a respiração. Minhas mãos continuaram trêmulas enquanto ele deslizava o polegar sobre minha pulsação, agora disparada por outros motivos. Nyktos estava tão perto de mim que não havia como impedir a enxurrada de lembranças — a sensação da sua boca no meu pescoço e de suas mãos na minha pele nua. O prazer entremeado de dor da sua mordida conforme ele se alimentava de mim. Ele se movendo *dentro* de mim, provocando um tipo de prazer que jamais seria esquecido e ardia em meu sangue mesmo agora.

Fui a *primeira* mulher da vida de Nyktos.

E ele... ele vai ser o *último* homem da minha, não importa o que aconteça a partir de agora.

A tristeza tomou conta de mim, esfriando meu sangue acalorado e se instalando no meu peito com um tipo diferente de pressão. Pelo menos já não me sentia prestes a sufocar.

— Às vezes ela tem dificuldade em controlar o coração e a respiração — explicou Holland, baixinho, sem a menor necessidade.

— Eu reparei. — O polegar de Nyktos continuou a deslizar suavemente enquanto eu me encolhia por dentro. Ele devia estar pensando... Só os deuses sabiam o que ele estava pensando.

Eu preferia não saber.

Com o rosto corado, afastei-me do toque de Nyktos, batendo na beira do estrado. Sua mão pairou no ar por alguns segundos e, em seguida, ele fechou os dedos. O Primordial abaixou o braço quando me virei para a plataforma elevada. Concentrei-me nos tronos assombrosamente belos esculpidos a partir de enormes pedaços de pedra das sombras. Os espaldares tinham a forma de enormes asas abertas que se tocavam nas pontas, unindo os dois assentos. Enxuguei as mãos úmidas na calça manchada de sangue seco.

— Vocês têm certeza de que ninguém mais sabe sobre ela? — perguntou Nyktos.

— Além do seu pai? Embris conhece a profecia — respondeu Penellaphe, referindo-se ao Primordial da Sabedoria, da Lealdade e do Dever, enquanto eu me recompunha. Eu me virei para eles: aquilo era importante demais para ignorar por causa de um colapso. — E Kolis também. Mas é tudo o que sabem.

O éter se agitou mais uma vez nos olhos de Nyktos com a menção a Kolis, que todos os mortais, inclusive eu até bem pouco tempo atrás, acreditavam ser o Primordial da Vida e o Rei dos Deuses. Mas Kolis era o *verdadeiro* Primordial da Morte. Aquele que empalou os deuses na Colina que cercava a Casa de Haides só para lembrar a Nyktos que toda vida era facilmente extinta — ou foi o que presumi. Era uma suposição lógica. Afinal de contas, o pai de Nyktos era o verdadeiro Primordial da Vida antes de Kolis roubar suas brasas.

Reprimi um calafrio, pensando na profecia que Penellaphe havia nos contado. A parte sobre o desespero das coroas douradas podia estar relacionada com meu antepassado, o Rei Roderick, e com o acordo que ele fez e que iniciou tudo isso. Mas as profecias eram só uma possibilidade e...

— Profecias são inúteis — reclamei em voz alta.

Penellaphe se virou para mim, arqueando a sobrancelha.

Fiz uma careta.

— Desculpe. Saiu pior do que eu esperava.

— Estou curioso para saber como você esperava fazer essa declaração — comentou Nyktos. Lancei um olhar enviesado para ele. — Mas não discordo. — Parei de encará-lo como se quisesse o apunhalar.

— É compreensível — disse Penellaphe com uma expressão perplexa no rosto. — As profecias podem ser confusas mesmo para quem as recebe. E às vezes só uma parte delas é conhecida por alguém, o início ou o fim, enquanto o meio é conhecido por outra pessoa e vice-versa. Mas algumas visões se concretizaram, tanto no Iliseu quanto no plano mortal. É difícil ver isso desde a destruição dos Deuses da Divinação e da morte do último dos oráculos.

— Deuses da Divinação? — Eu já tinha ouvido falar dos oráculos, os mortais que viveram muito antes de eu nascer e que eram capazes de se comunicar diretamente com os deuses sem precisar invocá-los.

— Sim, deuses capazes de ver o que estava oculto para os demais: suas verdades, tanto do passado quanto do futuro — explicou Penellaphe. — Eles moravam no Monte Lotho e serviam na Corte de Embris. Os oráculos falavam com eles, os únicos deuses verdadeiramente bem recebidos pelos Arae.

— Não os únicos — corrigiu Holland suavemente.

O rubor de Penellaphe me distraiu por um instante, pois era evidente que havia algo entre eles.

— A mãe da Penellaphe era uma Deusa da Divinação — continuou Holland. — Foi por isso que ela teve uma visão. Somente esses deuses e os oráculos eram capazes de receber as visões que os Antigos, os primeiros Primordiais, sonharam.

— Não tenho as outras habilidades dela, a capacidade de ver o que está oculto ou o que já é conhecido — acrescentou Penellaphe. — Nem recebi outras visões.

— As consequências do que Kolis fez ao roubar as brasas da vida foram de longo alcance. Centenas de deuses pereceram durante a onda de choque — explicou Nyktos. — Os Deuses da Divinação foram os mais atingidos. Quase todos foram destruídos, e nenhum outro mortal nasceu como oráculo.

A tristeza preencheu o semblante de Penellaphe.

— Com isso, as outras visões que os Antigos sonharam, e só eram conhecidas por eles, se perderam.

— Sonharam? — perguntei, arqueando as sobrancelhas.

— As profecias são os sonhos dos Antigos — explicou ela.

Apertei os lábios. A maioria dos Antigos, sendo os mais velhos dos Primordiais, já tinha ido para Arcadia.

— Não sabia que as profecias eram sonhos.

— Acho que essa informação não fará Sera mudar de opinião a respeito delas — declarou Holland, irônico.

Nyktos deu uma risada seca.

— Não, imagino que não. — Penellaphe sorriu, mas o sorriso desapareceu bem rápido. — Muitos deuses e mortais nasceram sem ouvir ou ver sequer uma profecia ou visão, mas elas foram muito comuns em determinada época.

— E a visão que você teve? — perguntei. — Você sabe qual dos Antigos a sonhou?

Penellaphe negou com a cabeça.

— Não é do conhecimento de quem as recebe.

Ora, é óbvio que não. Mas não importava, já que os Antigos tinham ido para Arcadia eras atrás.

— Profecias à parte, eu Ascendi Bele quando a trouxe de volta à vida. — Bele não era uma Primordial, não exatamente. Seus olhos castanhos haviam se tornado prateados como os de um Primordial, e os deuses das Terras Sombrias

acreditavam que ela agora seria mais poderosa, mas ninguém sabia muito bem o que isso significava. — Todos sentiram, não é?

— Sim — confirmou Penellaphe. — Não foi tão forte como quando um Primordial entra em Arcadia e os Destinos escolhem outro para tomar seu lugar, mas todos os deuses e Primordiais devem ter sentido a mudança de energia que ocorreu. Principalmente Hanan. — A preocupação a fez franzir a testa. Enquanto Primordial da Caça e da Justiça Divina, Hanan supervisionava a Corte onde Bele havia nascido. — Ele já deve saber que outro deus alcançou um poder que pode desafiar o seu.

— Mas não podemos fazer nada a respeito — disse Nyktos, cruzando os braços sobre o peito.

— Não — concordou ela, baixinho. — Não podemos.

— Só os presentes quando você trouxe Bele de volta à vida sabem que foi você quem a Ascendeu. — Nyktos olhou para mim. — Nem Hanan, nem nenhum outro Primordial conhece a extensão total do que meu pai fez quando colocou as brasas da vida na linhagem Mierel.

Senti um nó no estômago ao me lembrar do choque e do golpe que havia recebido. Eu não sabia como aceitar o fato de ter vivido inúmeras vidas das quais não conseguia me lembrar. Que eu tinha sido Sotoria, o grande amor de Kolis — *sua obsessão* — e o motivo de tudo aquilo ter começado.

Achei que a história da garota mortal que se assustou ao ver um ser do Iliseu e caiu dos Penhascos da Tristeza não passava de uma lenda bizarra. Mas ela existiu de verdade. E foi Kolis quem a deixou tão apavorada.

Como eu podia ser *ela*? Eu não fugia de nada nem de ninguém — bem, só de serpentes. Mas eu sabia lutar, era uma...

Você é uma guerreira, Seraphena, dissera Holland. *Sempre foi. Assim como ela aprendeu a ser.*

Deuses!

Pressionei os dedos contra as têmporas. Eu sabia que Eythos e Keella, a Primordial do Renascimento, haviam feito o que acreditavam ser melhor. Eles capturaram a alma de Sotoria antes que ela passasse para o Vale, impedindo Kolis de trazê-la de volta à vida. Suas ações deram início a um ciclo de renascimentos que culminou com o *meu* nascimento. Mas me parecia outra

violação. Outra escolha roubada dela. Não de mim. Podemos até ter a mesma alma, mas eu não era ela. Eu era...

Você não passa de um recipiente que estaria vazio se não fosse pela brasa da vida que carrega dentro de si.

As palavras de Nyktos foram duras quando ele as proferiu, mas eram a verdade. Desde o nascimento, eu não passava de uma tela em branco preparada para me tornar o que o Primordial da Morte desejasse ou para ser usada da maneira que minha mãe preferisse.

Sentei-me na beira do estrado, lutando contra a pressão que ameaçava voltar ao meu peito.

— Vi Kolis há pouco tempo.

Nyktos se virou na minha direção.

Pigarreei, sem conseguir me lembrar se havia contado aquilo a ele ou não.

— Eu estava na plateia quando Kolis chegou ao Templo do Sol para o Ritual. Estava na parte de trás, com o rosto coberto, mas poderia jurar que ele olhou diretamente para mim. — Engoli em seco. — Eu me pareço com ela? Com Sotoria?

Penellaphe levou a mão até a gola do vestido cinza.

— Se fosse esse o caso e Kolis a visse, ele a teria levado naquele mesmo instante.

O ar que exalei se condensou quando um súbito vento gélido soprou na sala. Eu me virei para Nyktos.

A pele dele tinha afinado e sombras escuras se formavam por baixo, me fazendo lembrar de sua real aparência. Sua pele era um caleidoscópio de meia-noite e luar, e suas asas pareciam as de um dragontino, mas feitas de uma massa sólida de éter. *Poder.*

Ele parecia prestes a se tornar um Primordial por completo outra vez.

— Sotoria não pertencia a ele na época, e Seraphena não pertence a ele agora.

Seraphena.

Eu podia contar nos dedos de uma das mãos quantas pessoas me chamavam pelo meu nome completo, e nenhuma delas o pronunciava como ele. Como se fosse uma oração e um acerto de contas.

— Não conheço a fisionomia de Sotoria — respondeu Holland depois de alguns minutos. — Só segui os fios de seu destino depois que Eythos veio até mim buscando uma alternativa para a traição do irmão. Tudo o que sei é que ela não tinha a mesma aparência a cada renascimento. Mas é possível que Kolis tenha sentido traços de éter em você e acreditado que fosse filha de um mortal e um deus: uma semideusa ou uma deusa entrando na Seleção.

Assenti lentamente, me forçando a deixar de lado a história de Sotoria. Precisava fazer isso. Era demais para mim.

— Mas o que fiz já chamou a atenção deles. Não podemos fingir que não aconteceu.

— Eu sei — concordou Nyktos friamente. — Espero receber vários visitantes indesejados.

— Como Consorte, você terá um certo nível de proteção — disse Penellaphe, olhando para Nyktos. — Até lá, qualquer Primordial pode agir contra ela. Inclusive um deus. E é muito improvável que você receba o apoio dos outros Primordiais se retaliar. Você sabe como é a política das nossas Cortes? — Penellaphe fez uma careta de simpatia para mim. — Arcaica.

Aquela era só uma maneira de a descrever. Brutal era outra.

— Por outro lado, uma coroação também terá seus riscos — prosseguiu. — A maioria dos deuses e dos Primordiais das nove Cortes, incluindo a sua, comparecerá à cerimônia. Eles *devem* seguir os costumes que proíbem... conflitos nesse tipo de eventos. Mas, como você sabe muito bem, muitos gostam de ultrapassar esses limites.

— E como sei... — murmurou Nyktos.

Penellaphe estremeceu.

— Kolis não costuma participar dessas festividades, mas...

— Ele sabe que há alguma coisa aqui. Já enviou dakkais e dragontinos, como imagino que saiba. — Nyktos lançou um olhar sério para Holland, que arqueou uma sobrancelha escura em resposta. — Kolis não vem para as Terras Sombrias desde que traiu meu pai, mas isso não quer dizer nada. Suponho que, mesmo que saiba se ele pode ou não entrar nas Terras Sombrias — disse ao Arae —, ainda assim não possa me contar.

— Infelizmente você está certo — confirmou Holland, e fiquei imaginando se saber e não poder dizer nada era mais frustrante do que não ter

conhecimento algum.

Provavelmente não, levando em conta como eu tinha ficado irritada.

Apesar de a temperatura da sala ter voltado ao normal, um calafrio percorreu minha pele quando pensei no que poderia estar por vir.

— O que vai acontecer se Kolis entrar nas Terras Sombrias?

— Kolis pode ser imprevisível, mas não é tolo — observou Nyktos. — Se ele puder entrar nas Terras Sombrias e vier para a coroação, não vai fazer nada na frente dos outros deuses e Primordiais. Kolis acredita ser o justo e legítimo Rei dos Deuses e gosta de manter a fachada, mesmo que os Primordiais saibam que não é bem assim.

— Mas e se ele... — comecei a falar.

— Não vou deixar que encoste um dedo em você — prometeu Nyktos, com os olhos ardentes.

Senti o coração palpitar. Embora fosse uma bela promessa, eu sabia que era porque eu possuía as brasas da vida. E porque Nyktos era decente. Protetor.
Bom.

— Obrigada, mas não estou preocupada com o que vai acontecer comigo.

Nyktos retesou o maxilar.

— Claro que não.

Fingi que não ouvi.

— O que Kolis vai fazer se perceber que você está protegendo o portador das brasas da vida? — indaguei. — Ou descobrir que possuo a alma de Sotoria? O que ele vai fazer com as Terras Sombrias? Com as pessoas que vivem aqui? Quero saber o que minha presença vai custar a você.

— Sua presença não vai me custar *nada*. — As sombras se intensificaram novamente sob a pele de Nyktos.

— Mentira — retruquei, e o prateado das íris dele assumiu um tom de ferro. — Você não precisa esconder a verdade de mim. Não vou ficar assustada a ponto de correr para o penhasco mais próximo.

Holland suspirou.

— Bom saber — respondeu Nyktos secamente. — Mas estou mais preocupado que você corra na direção oposta.

Ergui o queixo.

— Não sei o que quer dizer com isso.

— Mentira — imitou ele, e semicerrei os olhos. Nyktos tinha razão. Eu sabia muito bem o que ele queria dizer com aquilo.

Que seja.

— Kolis já sabe que algo aqui é capaz de criar vida — interveio Penellaphe, ignorando o olhar furioso que Nyktos lançou a ela. — Mas como Nyktos bem disse, Kolis não é tolo. Ele enviou os dakkais como um aviso, uma maneira de mostrar a Nyktos que sabe o que aconteceu.

— Mas isso foi depois de eu trazer Gemma de volta à vida — falei.

Ela era uma das terceiras filhas e filhos entregues durante o Ritual para servir ao Primordial da Vida e sua Corte, uma tradição honrada e respeitada em todos os reinos do plano mortal. Uma honra que havia se tornado um pesadelo sob o reinado de Kolis. Gemma era uma das poucas pessoas que Nyktos havia escondido da Corte de Kolis com a ajuda de deuses como Bele, abrigando-as nas Terras Sombrias. Ele lhes deu um refúgio, um lugar de paz, coisas que minha existência ameaçava.

Gemma não tinha entrado em detalhes sobre como fora o tempo que passara na Corte de Kolis, mas não foi necessário para que eu soubesse que ser a favorita de Kolis não era nada agradável. O que quer que tenha vivido foi ruim o bastante para que entrasse em pânico ao ver um dos deuses da Corte de Kolis em Lethe. Para que fugisse até os Bosques Moribundos, onde a morte certa a aguardava, com medo de ser devolvida ao Primordial.

— Kolis ainda não reagiu ao que fiz com Bele — falei. — Até onde sei.

— Imagino que só porque o ato o tenha pegado desprevenido — ponderou Penellaphe. — Nem ele, nem mais ninguém esperava por isso. — Ela olhou para Nyktos. — Ele não o convocou?

— Não.

— Você está falando a verdade? — indaguei.

Nyktos assentiu.

— Posso demorar a responder à convocação dele, mas não posso me negar a ir.

— Ele deve estar cauteloso no momento — ponderou ela. — E creio que também esteja bastante curioso sobre o que pode estar escondido nas Terras Sombrias, como é possível haver brasas da vida e como pode usar essa fonte de poder, seja lá o que for.

— Para ajudá-lo a concretizar o ideal de vida deturpado que ele acredita estar criando — acrescentou Holland.

— Você sabe o que ele está fazendo com os Escolhidos que desapareceram? — Nyktos lançou um olhar penetrante na direção dele. — Com aquelas coisas chamadas de Espectros?

— Sei que o que Kolis chama de Espectros não é a *única* imitação barata de vida que ele conseguiu criar. — O olhar sombrio de Holland se fixou em Nyktos. — E você já viu o que ele ajudou a fazer. O que alguns deuses de sua Corte têm feito no plano mortal.

Nyktos franziu o cenho e então olhou para mim.

— A sua costureira.

Demorei um pouco para perceber que ele estava falando da costureira da minha mãe.

— Andreia Joanis? — Antes de encontrá-la morta, vi a deusa Madis perto de sua casa na Colina das Pedras, um bairro que fica de frente para o Mar de Stroud. As veias da costureira haviam escurecido, manchando a pele como se estivessem cheias de tinta, e seus olhos tinham sido... queimados. Nyktos estava seguido Madis naquela noite e acabou lá. Ele também achou que a mulher estivesse morta. — Andreia voltou à vida ou algo do tipo. Sentou e abriu a boca. Possuía quatro presas que não me lembro de ter visto antes.

Holland resmungou uma palavra curta e gutural numa língua que eu não conhecia e virou a cabeça, cuspidando no chão.

Arqueei as sobrancelhas, perplexa.

— O quê?

— Voraz? — perguntou Nyktos, franzindo o cenho ao reconhecer o que Holland havia dito.

O Destino assentiu.

— É o que acontece com um mortal quando sua força vital, seu sangue, é roubada e a perda não é reabastecida. Não importa quem o mortal era antes disso: o ato degenera seu corpo e sua mente, transformando-o numa criatura amoral movida por uma necessidade insaciável de sangue. Um Voraz.

Nyktos congelou.

— Matar um mortal enquanto se alimenta é algo proibido desde o início dos tempos.

— E esse é o motivo — explicou Holland. — É um equilíbrio.

Então eu me exaltei.

— Como é que transformar um mortal em algo assim é um equilíbrio?

— O equilíbrio exige que a vida tirada seja restaurada para lembrar os deuses de que sua incapacidade de se controlar tem consequências. Manter o equilíbrio nem sempre é tão simples de entender como quando, digamos, o Primordial da Vida restaura a vida de um mortal. — Os olhos dele se fixaram nos meus. Severos. Oniscientes. — A vida de outra pessoa deve ser sacrificada em seu lugar.

Respirei fundo, sentindo um vazio no estômago.

— Na noite em que eu trouxe Lady Marisol de volta à vida, meu padrasto, o Rei de Lasania, morreu durante o sono. — Jamais pensei que aquilo tinha alguma coisa a ver com minhas ações. — Bons deuses! Será que matei meu padrasto?

— Não — disparou Nyktos, estreitando os olhos na direção de Holland. — Você não fez isso.

Eu o encarei. Como ele podia ter tanta certeza? Porque parecia que eu tinha feito isso, sim.

— Não foi de propósito — afirmou Holland. — Mas estava na hora dela. Você interferiu e desestabilizou o equilíbrio, que precisou ser corrigido.

— Por quem? — indaguei. — Quem decide como o equilíbrio é restaurado?

Holland me encarou.

Retesei o corpo.

— Você?

— Não ele especificamente — respondeu Nyktos. — Os Arae em geral. Eles são como... faxineiros cósmicos.

Não sabia o que dizer ou sentir — além da culpa, pelo menos. O que eu deveria sentir mesmo porque, embora o Rei Ernard não tenha sido um grande líder, ele também não era ruim. Mas eu também não senti nada além de um choque passageiro e uma pontada de vergonha, como quando matava e sabia que jamais voltaria a pensar naquilo. E isso me deixou assustada. Assustada comigo mesma. Mas eu não podia pensar nisso no momento porque essa não foi a única vida que restaurei.

— E se um deus for trazido de volta à vida? O equilíbrio exigiria a morte de outro deus?

— Felizmente, não — respondeu Nyktos. — Isso se aplica apenas a mortais.

— Não é muito justo — murmurei. Era um alívio saber que eu não tinha matado um deus, embora tenha sentenciado à morte um mortal desconhecido ao trazer Gemma de volta. — Seria bom ter sabido disso antes.

Holland me encarou.

— Isso a teria feito agir diferente?

Fiquei calada. Eu não tinha uma boa resposta para isso.

— Mas agora você sabe o que já havia descoberto em outra vida. Certas lições sempre serão dolorosas de aprender. — Ele deu um sorriso triste e gentil. E, felizmente, breve. — De qualquer forma, se essa tal de Andreia não tivesse sido morta, ela teria saído de casa e atacado a primeira pessoa que encontrasse, fosse homem, mulher ou criança.

— Foi Madis que fez aquilo com ela? — perguntou Nyktos.

— Acho que Madis estava tentando... consertar o que uma das criações de Kolis deixou para trás. — Holland inclinou o queixo ligeiramente. — E isso é tudo que posso dizer. Não sei muito mais, mas revelar qualquer coisa pode ser considerado interferência.

— E ele está prestes a passar dos limites — Penellaphe nos lembrou, principalmente a Nyktos, que encarava o Destino. — Mas, neste momento, o que Kolis está fazendo não é nossa maior preocupação, e também não deveria ser a sua.

Eu não tinha certeza se concordava com isso.

— Você me perguntou o que Kolis faria para obter as brasas da vida. Ele dará um jeito de obtê-las. Talvez não use os métodos mais cruéis para isso — seus brilhantes olhos azuis se anuviaram, assombrados —, mas se descobrir quem você costumava ser, nada o impedirá de alcançá-la.

— Penellaphe — advertiu Nyktos.

— É a verdade — insistiu ela, virando-se para o Primordial. — Você não pode esconder isso dela. Talvez sequer seja capaz.

— E você sequer imagina do que sou capaz de fazer quando necessário — rebateu.

— Não — concordou Penellaphe, com um tom de voz gentil. — Mas *você* sabe muito bem do que Kolis é capaz. Assim como eu. Ele atearia fogo nas Terras Sombrias para conseguir sua *graeca*.

Na antiga língua dos Primordiais, *graeca* significava vida. Mas, como Aios havia me dito, também poderia significar *amor*.

Gemma foi a primeira pessoa que ouvi usar o termo. Ela me disse que Kolis costumava falar a respeito de sua *graeca*, e que parecia haver alguma relação com o desaparecimento dos Escolhidos, aqueles que depois reapareciam diferentes e estranhos. Frios. Sem vida. *Famintos*.

Mal consegui reprimir um calafrio.

— E o que Kolis fará com Nyktos se ele tentar me proteger?

— Não precisa se preocupar com isso. — Nyktos se virou para me encarar.

— Sérioo? — disparei. — Estamos falando da pessoa que matou seus pais, que empalou deuses na muralha da *sua* Colina para lembrá-lo de como as vidas são frágeis.

— Não é como se eu tivesse esquecido disso. — Os fios brilhantes de éter arderam nos olhos dele outra vez. — O que quer que faça ou deixe de fazer não muda nada. Eu cuido de Kolis.

Sacudi a cabeça, tomada pela frustração.

— Ele pode matar você...

— Não, não pode — interrompeu Holland. Eu me virei para ele. — Como eu falei antes, deve sempre haver um equilíbrio. Em tudo, até mesmo entre os Primordiais. A Vida não pode existir sem a Morte, e elas não deveriam ser a mesma coisa.

— Espera. — Baixei as mãos até os joelhos. — Você está falando de um... Primordial da Vida e da Morte? Isso é possível? Porque você disse que não *deveria*, não que não *podia*.

— Tudo é possível — respondeu Holland. — Até o impossível.

Olhei para ele e me esforcei para manter a paciência.

— Essa foi uma declaração extremamente útil. Obrigada.

Holland riu.

— O que ele quer dizer é que um Primordial da Vida e da Morte não deveria existir — explicou Nyktos. — Seria impensável que ambas as brasas habitassem um único ser. Mas se fosse possível? — Ele deu uma risada breve,

arqueando as sobancelhas escuras. — O tipo de poder que elas exerceriam seria absoluto. As brasas seriam capazes de destruir planos com o mesmo fôlego que os criavam.

— Não haveria como deter um ser tão poderoso — acrescentou Holland. — Seria impossível manter o equilíbrio. Portanto, muito tempo atrás, os Destinos garantiram que tamanho poder deveria ser dividido e que a ausência de qualquer uma das brasas causaria o colapso de todos os planos. Não seria uma morte lenta, como a Devastação. Seria súbito e absoluto para todos. Kolis não pode Ascender outro Primordial para tomar o lugar de um Primordial morto. Ao matar Nyktos, ele condenaria a si mesmo. Ao menos isso ele sabe.

Sim, só que foi mais ou menos o que fiz com Bele, abrindo caminho para que ela substituísse Hanan se ele morresse. Mas saber que Kolis não mataria Nyktos já era um alívio. Ainda assim, como ele podia ter tanta certeza do que Kolis faria ou deixaria de fazer? Não era possível saber. Kolis não parecia ser lá muito racional.

A frustração me invadiu.

— O que Kolis quer, afinal? Qual é o objetivo dele com essas criações?

Holland bufou.

— Essa é uma boa pergunta.

— Mais uma que você sabe a resposta e não pode nos contar? — disparei.

— Na verdade, eu não sei — respondeu ele. — Os Destinos não sabem como a mente das pessoas funciona.

Os Destinos também não eram muito úteis.

— Ele quer governar tudo, tanto o Iliseu quanto o plano mortal — respondeu Nyktos. — As Cortes do Iliseu substituiriam os reinos do plano mortal. Só haveria Kolis e seus simpatizantes, e os mortais seriam colocados em seu devido lugar, que, de acordo com Kolis, é abaixo dos mais poderosos. E imagino que essa imitação barata de vida que ele vem criando seja mais uma tentativa de fortalecer a própria causa.

Então Kolis estava criando um exército de mortais controlados pela fome? Nervosa, apertei os joelhos até sentir os ossos sob meus dedos.

— Não é possível.

Holland abriu a boca.

— Se você me disser que até mesmo o impossível é possível, vou começar a gritar — avisei. Ele fechou a boca. — Os mortais revidariam, mesmo os mais leais aos deuses. Kolis teria que lutar contra um plano inteiro, e então o que lhe restaria para governar?

— Não seria fácil, e terminaria com o tipo de morte que até eu teria dificuldade de imaginar — ponderou Nyktos. — Kolis acabaria governando um reino de ossos.

— Mas será que saber isso o impedirá? — perguntou Penellaphe, baixinho. — Por acaso já o impediu antes?

Não ao que parecia. Mas Kolis também não ia conseguir o que tanto queria. Não depois que eu morresse. Ele governaria um reino de ossos.

Incapaz de continuar sentada, eu me levantei e estendi a mão em busca da adaga de pedra das sombras que Nyktos tinha devolvido a mim, então percebi que a deixei no escritório dele. Olhei para Holland.

— Quanto tempo restará ao plano mortal? — Engoli em seco. — Depois que eu morrer.

— Você não vai morrer — afirmou Nyktos, como se tivesse essa autoridade.

Mas ele não tinha.

— Ela vai morrer — murmurou Holland. — Sem o amor do Primordial que a Ascendeu, um amor que não pode ser ignorado, que deve ser reconhecido... Ela vai morrer — Ele olhou para o Primordial. — E você...

— Já ouvimos isso antes — interrompi enquanto Nyktos passava a mão pelos cabelos.

— Você acha que ouviu — retrucou Holland —, mas não chegou a ouvir *por que* Nyktos não pode salvá-la como ele é agora. — O Arae se virou para o Primordial. — Ou será que ela sabe, Vossa Alteza?

A tensão pairava no ar conforme o Primordial sustentava o olhar do Arae.

— Não, ela não sabe.

Não consegui desvendar nada pela expressão de Nyktos e uma inquietação crescia dentro de mim.

— Do que vocês estão falando?

Nyktos engoliu em seco.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma luz na chama (Vol. 2 Carne e Fogo)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).